

## Nos arredores de Pavia: expansões das transformações no pensamento de Antonino Ferro<sup>[1]</sup>

Luciano Bonfante<sup>[2]</sup>

Maria Bernadete Figueiró de Oliveira<sup>[3]</sup>

Maria Luiza Soares Ferreira Borges<sup>[4]</sup>

Maria Roseli Pompermayer Galvani<sup>[5]</sup>

Maruzza Tereza Cerchi Borges Fonseca<sup>[6]</sup>

Silvana Mara Lopes Andrade<sup>[7]</sup>

Silvana Maria Bonini Vassimon<sup>[8]</sup>

**RESUMO:** Procura-se, neste trabalho, abordar o segmento do pensamento de Antonino Ferro sobre o qual se assenta toda a sua proposta de trabalho: as transformações. O terreno das transformações constitui o eixo principal de suas contribuições. Partindo das fundamentais transformações introduzidas por Bion, Antonino Ferro propõe novas transformações que, além de oferecerem suporte para toda a sua proposta clínica, se mostram instrumentos competentes para a instalação de uma psicanálise que se ocupa principalmente das operações de contato e elaboração de elementos beta. Essas transformações sugeridas por Ferro articulam-se em composições e sobreposições de forma a constituir uma rede útil na apreensão das alterações internas do paciente, fundamentalmente a partir da inter-relação analista-analisando. São abordadas, ainda que não de forma exaustiva, as transformações de base: dos elementos alfa e do continente, além das transformações em sonho, transformações narrativas, transformações em personagens e transformações em jogo.

**PALAVRAS-CHAVE:** sonho onírico de vigília, transformações, campo relacional, *rêverie*, derivados narrativos

---

1. Este artigo foi elaborado pelo grupo de estudos de Antonino Ferro, que se reúne desde março de 2013 na Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP).

2. Psicanalista. Membro filiado da SBPRP.

3. Psicanalista. Membro associado da SBPRP.

4. Psicanalista. Membro associado da SBPRP.

5. Psicanalista. Membro associado da SBPRP e da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Campinas (SBPCamp).

6. Psicanalista. Membro associado da SBPRP.

7. Psicanalista. Membro associado da SBPRP.

8. Psicanalista. Membro efetivo com funções didáticas da SBPRP e membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

O lugar do conhecimento é a realidade do Mundo Interno e da História, o lugar das transformações é a realidade emocional da Relação no Campo. (Ferro, 1996/2008, p. 105)

Falar em transformações dentro do pensamento de Antonino Ferro é falar de todo o seu pensamento. Suas ideias e propostas nascem e movimentam-se no campo das transformações. Partindo de Bion, Ferro considera a advertência deixada por ele: seguir em frente; desgarrar-se de sua teoria procurando a ativação de novos pensamentos, talvez selvagens, impensados, atordoantes e/ou perdidos. Bion introduz na psicanálise o paradigma relacional-dialético, um novo referencial filosófico, principalmente kantiano, e com sua teoria do pensar inaugura um momento de reposicionamento na teoria e no fazer psicanalítico. Na nascente de suas ideias, Ferro vai beber – diríamos, embriagar-se – da teoria de W. Bion, encontrando nela os recursos que darão sustentação para aquilo que sua prática clínica lhe apresenta e se lhe impõe como questionamentos e inquietações. Estamos, sobretudo, diante de uma noção de psicanálise que aponta para o futuro: o por-construir, por-descobrir, por-criar!

Dos desdobramentos de seus estudos do conceito de campo de Willy e Madeleine Baranger, de Francesco Corrao e Bion, entre tantos outros pensadores, nasce um território de criações próprias, extensões e aprofundamentos, que contará também com o diálogo com outros colegas contemporâneos, como Ogden e Grotstein.

Acompanhar Ferro em suas colocações e inovações significa distanciar-se consideravelmente da psicanálise clássica, que tem em Freud e Klein seus expoentes de ancoragem. Significa substituir o vértice de contato com o paciente daquele que olha para a mente do analisando para aquele que observa e vive o contato das duas mentes juntas: analista e analisando; ou seja, estamos no terreno da *intersubjetividade*. Isso significa uma imensa mudança técnica, evidentemente amparada por um longo percurso, que vai desde a consideração com o inconsciente segundo propõe Bion até os estudos da narratologia, passando pelos conceitos essenciais de campo relacional e identificação projetiva cruzada.<sup>[9]</sup> A noção de inconsciente de Bion, que se forma e se transforma a cada instante da relação com o outro, funcionará como divisor de águas determinante dos conceitos e proposta clínica enunciados por Antonino Ferro. Desse campo de expansões que Ferro oferece tomamos as transformações como um segmento a ser explorado.

Consideramos as transformações como pano de fundo para todo o trabalho analítico, visto que, para Ferro, o que está em jogo na análise é o desenvolvimento de uma aparelhagem para pensar, para sonhar, para viver a vida (Ferro, 2011). Aqui temos não só a (re)construção de um aparelho psíquico, que se funda e se desenvolve desde o contato inicial com a mãe – aparelho para pensar os pensamentos –, mas também a “passagem do método” (a função alfa) (França & Petricciani, 1998): é essencialmente

9. Ferro (1995) menciona a identificação projetiva cruzada já em *A técnica na psicanálise infantil*: “para Bion, o analista está presente com todo o peso atual da sua vida mental; as identificações projetivas não são somente as evacuativas e perturbadoras do paciente em direção ao analista, mas são também uma modalidade das mentes dos humanos para comunicar; serão, portanto, recíprocas e cruzadas” (pp. 26-27).

no contato entre as duas mentes na sessão que se cria a possibilidade de instalação de um vínculo inédito, calcado na receptividade do analista para a real condição de enfrentamento ou fuga da realidade psíquica de seu paciente.

Quando observamos mais atentamente o enfoque de Ferro às transformações, notamos que esse será o campo em que se dará a ação do psicanalista. Será o terreno no qual o encontro com a mente do analista irá possibilitar uma nova experiência de contato com o material a ser digerido, um possível e inédito jeito de dar-lhe representação; será o território da alfabetização dos elementos desconhecidos do analisando, determinantes do destino do impensado.

O interesse de Bion nos fenômenos de comunicação entre analista e analisando – além daqueles de observação da capacitação do mundo interno de cada indivíduo para lidar com seu universo de impressões senso-externo-proprioceptivas, estímulos de toda espécie e proveniência, os elementos beta – permite-lhe a construção do modelo de *Transformações* (1965/2004). A mente do analista, observatório supostamente aparelhado, é também parte inquestionável do campo observado.

Enquanto Bion descreve as várias transformações que identifica na base de um emparelhamento com o uso da Grade, Ferro expande o campo das transformações, principalmente visando o uso clínico e a intersecção com a narratologia. A narrativa, como instrumento de sinalização constante dos movimentos transformadores internos ditados pela experiência emocional em curso na sessão, já está vislumbrada desde Freud (1937/1996) em “Construções em análise”, quando alerta para a similaridade da construção e do desenvolvimento entre o processo narrativo e os processos oníricos.

O destino do insondável vai depender da condição transformadora da mente. Ou seja, apoiado em uma competência da função alfa, ou na falha dela, como quer Ferro (2005), organizado por um emparelhamento psíquico suficiente – um continente –, o indivíduo irá operar os movimentos necessários para sua condição de relação e de vida. Somos todos, e vivemos, aquilo que nosso “time” interno – função alfa + continente – nos permite ser. A ação transformadora do analista irá colaborar no sentido de permitir reposicionamentos no mundo interno do indivíduo a partir de inéditas experiências compartilhadas.

A transformação que Ferro invoca é aquela que é mutativa no sentido genético do termo: “uma mutação altera não só o presente, mas toda a progenitura que vier a se originar deste presente” (Strachey, 1934/1981, citado por Barros, 1999, p. 111). Para além das transformações de base pontuadas por Bion (1965/2004) – transformação em movimento rígido, transformação projetiva, transformação em K, transformação em alucinose e transformação em O –, Ferro irá observar ainda outros movimentos transformativos que, ancorados em supostos teóricos como invariante/fato selecionado, pré-concepção, campo relacional, sonho/pensamento onírico de vigília, *rêverie* e mundos possíveis, entre outros, fornecerão um vértice precioso para o trabalho clínico.

Ferro observa dois tipos de transformação de caráter, digamos, corriqueiro, que funcionam como valiosos sinalizadores dos movimentos psíquicos ocorrendo na dupla analista-analisando. Dizem respeito, mais particularmente, à direção que as transformações operantes na mente do paciente indicam naquele momento da sessão, seja na forma de oscilações mais rápidas e instáveis, ao longo de uma ou algumas sessões, ou durante o processo analítico de forma mais estável. Apontam para um desenvolvimento da capacidade de pensar e ser, ou para um estancamento, ou ainda uma involução. Assim, as primeiras, as *microtransformações*, concedem uma ilustração dos movimentos transformadores mais instáveis, próprios de cada momento emocional e suas possíveis alterações. Nas *macrotransformações* estão contemplados os movimentos amplos e mais estáveis, indicativos de um trabalho que segue em direção ao crescimento psíquico.

A escuta e o olhar do analista, guiados pelas sinalizações do paciente na “história” narrada de várias formas possíveis, poderão focar na transformação dos elementos alfa, do continente, do cenário e dos personagens, da narrativa, na transformação em sonho ou ainda, como formulado mais recentemente, na transformação em jogo. O contato do analista com a mente do outro na sessão, regido pela capacidade de observar e sonhar livremente, na verdade inclui a consideração com todas as transformações que ocorrem no campo relacional.

### **Transformações em elemento alfa**

Em uma conferência realizada em Ribeirão Preto e publicada posteriormente com o título de “Algumas reflexões sobre a técnica”, Antonino Ferro (2003) nos conta ser muito grato ao seu primeiro analista quando ao contar-lhe um sonho ouve dele uma colocação bastante aliviadora. Nas palavras de Ferro:

Na minha primeira sessão de análise, eu era um paciente completamente virgem, não tinha nenhuma noção de psicanálise. Logo após ter deitado no divã eu disse: “Esta noite tive um sonho que é igual a um pesadelo que eu tinha quando era criança: eu estava na minha caminha e nas costas havia um terrível lobo de óculos; eu estava muito aterrorizado com essa situação”. Sou grato ao meu analista por tudo aquilo que ele não disse a respeito desse sonho ... Eu não me lembro exatamente do que ele me disse, mas foi algo do tipo: “É claro que deve ser terrível para uma criança estar numa sala com um lobo nas costas”. (pp. 15-16)

Pensamos ser esse episódio um interessante ponto de partida para algumas reflexões sobre a importância da função alfa na mente do analista favorecendo a ampliação de elementos alfa em seu paciente.

Wilfred Bion em seu livro *Aprender da experiência* (1962/2021) começa a se interessar e estudar a teoria dos fatores e das funções na matemática, tentando compreender como aplicá-las à psicanálise de maneira simples e ao mesmo tempo tentando utilizar termos que, não saturados, permitissem inúmeras combinações e

compreensões. Também trata desse assunto em seu livro *Elementos de psicanálise* (1963/2004). Define assim elementos alfa como produtos da função alfa da mãe que ajuda seu bebê a transformar suas experiências emocionais e impressões sensoriais em elementos predominantemente visuais com capacidade de se transformarem em simbolização, pensamento e sonhos, aumentando a capacidade simbólica. Nesse processo considera a *rêverie* materna como um fator fundamental da função alfa da mãe responsável por essas transformações.

Como contraponto aos elementos alfa, Bion chamou de elementos beta aqueles que, inacessíveis à consciência, só podem ser evacuados sob a forma de *acting*, conversões ou somatizações, elementos que não sofrem transformações e, portanto, não se prestam ao pensamento e aos sonhos.

Juntamente com a transformação do continente, a transformação em elemento alfa faz parte do que Antonino Ferro considerou como transformações dos instrumentos. Chama-as assim justamente por se encontrarem na base de todas as outras transformações, fazendo parte mesmo da constituição e do desenvolvimento do psiquismo humano.

Ampliando muito as ideias freudianas e kleinianas sobre a formação da mente, segundo as quais o contato dos impulsos com o meio ambiente inaugura o psiquismo humano, Ferro acompanha as teorias de Wilfred Bion, que utilizam o paradigma relacional dialético, e considera primordial o contato com uma outra mente disponível e capacitada não apenas para que, nesse contato, os elementos ainda não digeridos pela mente da criança sejam processados pela mente desse outro (mãe) e devolvidos a ela, mas também para que esse método de *digestão* possa ser *aprendido* pela criança. Dessa maneira, como também já foi citado, é pelo campo relacional e seus efeitos na dupla que encontramos as bases para a evolução psíquica e para nossa compreensão do fazer psicanalítico. Trata-se do desenvolvimento do pensar ou, mais ainda, do desenvolvimento de um aparelho para pensar os pensamentos a partir do contato (dialeticamente) com uma outra mente.

Em nosso método psicanalítico utilizamos como modelo essa dinâmica do bebê com sua mãe, quando esse bebê, submetido a um excesso de experiências externas e internas, possuidor de uma mente rudimentar, precisa contar com uma mãe que o ajude a lidar com esses estímulos transformando-os em algo que se preste ao pensar. É a mãe então que o ajuda a metabolizar essas vivências. Experiências emocionais e sensoriais são assim vivenciadas com a ajuda dessa mãe/processadora, que também oferece o modelo desse processo para a introjeção dessa capacidade pelo seu bebê. Trata-se de um processo complexo e delicado que envolve a função de *rêverie* da mãe, denotando a sua saúde psíquica.

O modelo mãe/bebê está na base da prática psicanalítica. Qual seria a tarefa do psicanalista senão ajudar seu paciente a *alfabetizar* seus sentimentos, suas *protoemoções*, sua *protossensorialidade*, seus conteúdos psíquicos? E ainda mais: senão ajudá-lo a ampliar sua rede simbólica capacitando-o a sonhar, criar, se tornando cada vez mais verdadeiro e único (processo de subjetivação).

Na esteira de Bion, Antonino Ferro considera a função alfa como um instrumento de transformação psíquica. Ferro parece valorizar cada vez mais a rede psíquica que se constrói no encontro analítico como uma espécie de ninho donde nascerão novas capacidades, ampliações de recursos para pensar, sonhar e criar. Nesse sentido eleva ao grau máximo de importância o encontro, o aqui-agora, a capacidade de *rêverie* do analista, sua função alfa e toda *bagagem* psíquica que possa dispender no atendimento a seu paciente. No exemplo do sonho de Ferro citado anteriormente podemos notar todos esses recursos funcionando na mente de seu analista até a elaboração de uma intervenção que acolheu todos os medos presentes naquele encontro, com isso abrindo a possibilidade de continuação daquele tratamento.

No livro *Tormentos de almas*, Antonino Ferro (2010/2017), ao usar numa sessão uma metáfora na comunicação com seu paciente, comenta:

Portanto, não é a metáfora como tal, mas uma metáfora viva nascida ali, naquele momento, paciente-específica, que testemunha ao paciente o funcionamento onírico da minha mente e que passa a ele o método para realizar tal operação. Em outras palavras, eu tenho um sonho da comunicação do paciente e o transmito a ele, e ao fazer isso lhe transmito, pelo menos em parte, o método com o qual eu realizo esta operação. Assim não somente eu contribuo para formar elementos alfa, mas produzo um desenvolvimento da função alfa. (p. 13)

Para Antonino Ferro qualquer possibilidade de desenvolvimento psíquico passa pela experiência vivida pelas duas mentes: a do analista e a do paciente. Apenas dessa forma o que pode ser comunicado ao paciente adquire a condição de assimilação e uso para o pensar, o sonhar e a consequente ampliação da mente.

Nos trabalhos escritos de Ferro podemos perceber com muita clareza o quanto, não se esquecendo da teoria, nos brinda com muitos exemplos clínicos, relatos de sessões clínicas nas quais observamos a essência de seu trabalho e suas ideias sobre como promover a ampliação do campo de observação dos fenômenos mentais. Assim, notamos sua preocupação em nunca fechar compreensões ou conceitos, privilegiando abrir novos caminhos para um pensar cada vez mais complexo e abrangente.

## **Transformações do continente**

Explorando a temática em questão ainda dentro do contexto do que Antonino Ferro intitula como transformações dos instrumentos, teremos outra forma de transformação que perpassaria todo o processo analítico: transformações do continente. Esse conceito, poderíamos dizer, acompanharia a obra de Ferro em quase todos os seus escritos. Seria oportuno, porém, antes de adentrarmos na compreensão desse conceito, ir em direção a sua célula matriz.

Bion (1970/2006), no livro *Atenção e interpretação*, reserva dois capítulos para explanação de um dos elementos da psicanálise: a relação continente e contido (ou conteúdo). O autor discorre sobre particularidades desse fenômeno. Segundo ele,

ao se presumir a existência de uma situação analítica circunscrita em um espaço e tempo, haveria a possibilidade de realização de alguma observação. Bion demonstra como alguns elementos da psicanálise não seriam novos, tampouco peculiares a ela, destacando a linguagem como um deles. Para o autor, a linguagem seria um elemento complexo e restritivo, especialmente quando utilizada como única forma de comunicação na sala de análise. Segue alertando que a observação e a vivência psicanalíticas não deveriam ficar confinadas apenas à comunicação verbal, enfatizando a importância de o analista familiarizar-se com a configuração continente/contido.

Ainda nesse trabalho, Bion apresenta questionamentos relacionados ao conflito que o homem travaria ao longo da sua existência entre o pensamento e a ação, e afirma que uma das principais funções de se utilizar os elementos *continente/contéudo* no trabalho analítico seria, basicamente, a tentativa de identificar os estados de contenção impeditivos da eclosão do conflito. Com esse impedimento, tanto o pensamento quanto a ação acabariam por não se modificar. Bion alerta também sobre a importância de que o analista resista ao ímpeto de se agarrar ao conhecido durante a sessão, mostrando a importância de buscar vivenciar estados de mente análogos ao da posição *esquizoparanoide*, nomeado por ele de “paciência”, por meio dos quais o analista tente suportar sofrimento e tolerância a frustração até que um padrão possa emergir. Esse processo, se exitoso, poderia se abrir então para o surgimento de um outro estado, similar ao que encontramos na posição depressiva descrita por Melanie Klein, nomeado de “segurança” por ele. Portanto, para Bion, a experiência de oscilação entre paciência e segurança figuraria como uma indicação de que o analista estaria conseguindo realizar um trabalho de valor. Antonino Ferro, utilizando-se dessa base conceitual, nos apresenta o rico conceito de transformações do continente, que nos remete a essa dinâmica no campo analítico, com a presença dos elementos paciência e segurança figurando como partes essenciais e ferramentas eficientes na sala de análise, fundamentalmente na condição de sustentação de expansão e transformação do continente.

Resgatarmos, brevemente, a história dos primórdios dessa forma de trabalho nos pareceu importante. Ferro, conjuntamente a um grupo de colaboradores, começou a observar dificuldades, em alguns pacientes, de *aproveitar* algumas interpretações clássicas, de cunho transferencial. A comunicação nesses moldes se mostrava saturada e insuficiente. Esse grupo de estudiosos observou que havia uma espécie de *escoadouro* pelo qual as interpretações escapavam. Poderíamos dizer que os conteúdos apenas tangenciavam o continente. Porém, quando esses analistas utilizavam a própria linguagem do paciente e as emoções presentes no campo relacional, o paciente parecia sentir-se mais acolhido e compreendido, favorecendo o fluxo associativo. Dessa forma a narrativa teria sido incorporada à proposta de Antonino Ferro como elemento-sonho, propiciador de representações das metabolizações em curso.

Então, partindo dessas vivências, surgiu o uso do que podemos intitular de clínica do *continente/contéudo*, cujo protótipo seria a relação mãe/bebê.

Para Ferro, o processo de transformação geral se daria na medida em que paciente e analista produzissem elementos alfa, sendo que cada um desses elementos poderia ser visto como uma espécie de vinheta que sintetizaria de maneira original e criativa a experiência emocional da relação naquele instante, num constante movimento durante a sessão. Um modelo ilustrativo dessa dinâmica seria a de um fotógrafo que, a cada momento, fotografasse ângulos absolutamente diferentes de uma cena. Segundo ele, os elementos alfa só seriam cognoscíveis para analista e paciente através dos derivados narrativos. Assim sendo, Ferro nos apresenta um instigante questionamento sobre como o analista pode favorecer uma forma de comunicar suas próprias imagens ao paciente a fim de que elas possam ser assimiladas pelo paciente como fatores de crescimento, e não de perseguição.

Importante destacarmos outro aspecto da temática continente/contido, que diz respeito ao processo de formação de uma gramática afetiva entre a dupla analítica. Essa gramática afetiva seria capaz de formar um tecido afetivo, sendo este, justamente, o propiciador para o surgimento de *protoemoções*, inclusive as ditas *violentas*. Para Bion seria fundamental acolher, ao lado de um aspecto terno e delicado do paciente, a parte violenta – emoções violentas. E seguindo essa mesma direção, Ferro nos apresenta uma conceituação clínica importante, qual seja, a de solicitação de continente por parte de um conteúdo particularmente conturbado. Ferro diz que essa solicitação de continente pode desencadear desdobramentos diferentes de um lado, rachaduras no próprio continente, indo até uma possível explosão, do outro lado, uma possibilidade de sua expansão.

No seminário clínico VIII do livro *Antonino Ferro em São Paulo: seminários* (França & Petriciani, 1998), Ferro ilustra uma forma de entendimento das transformações do continente através do acompanhamento de um material clínico de um garoto de 9 anos cuja história de vida deflagraria um alto grau de deficiência primária de continência. Ele relata a possibilidade de um caminho de expansão desse continente através de vivências narrativas e de outras vivências, especialmente ao trabalhar expandindo o conceito do que ele considera ser *interpretação*, por meio da ampliação da semântica desse termo para incluir todas as transformações que o analista coloca em sua prática clínica. Para Ferro, podemos pensar o desenho do paciente como uma passagem de elementos beta para elementos alfa. Percebe o garoto com um excesso de fantasmas acumulativos na sua mente. O manejo técnico para possibilitar as transformações de continente inicia com o contundente alerta da importância, em um primeiro momento, de nada ser dito para o garoto, por acreditar que esses aspectos de intensa dor precisassem ser mantidos, por um longo tempo, apenas na mente do analista. Para Ferro o essencial está em encontrarmos um lugar onde colocar as coisas e, fundamentalmente, verificar se esse lugar existiria a priori – e, caso ainda não exista, a prioridade do trabalho analítico passará a ser construí-lo antes de realizar quaisquer intervenções mais fortes. Para ele, é preciso sentir quando é útil fazer alguma intervenção para permitir novos desenvolvimentos e quando é melhor abster-se de intervir.



## Transformações narrativas

Para pensar a respeito das transformações narrativas, podemos partir da ideia de Ferro (1996/2008) a respeito do conceito de *campo psicanalítico* como um lugar de todas as histórias possíveis de serem narradas, histórias que têm seu início quando os fatos não digeridos (acúmulos de elementos beta no mundo interno) do paciente encontram a capacidade transformadora do analista. Portanto, “campo” refere a uma ideia aberta, com possibilidade de vários desfechos.

A turbulência emocional que irrompe na sala de análise a partir desses fatos não digeridos encontra na função alfa a possibilidade de uma primeira tecedura (elementos alfa): sonhos, pensamentos e sucessivamente transformação narrativa, isto é, o relato através dos *dialetos selecionados* pelo paciente para dar voz a esse movimento digestivo.

Pensando nesse modelo de um movimento digestivo, Ferro (2011) diz: “essas emoções que compõem o campo podem ser cozidas por meio da transformação narrativa das mesmas, com intervenções insaturadas e sempre experimentando a resposta do paciente para saber com quais ingredientes devemos enriquecer ou aliviar o prato” (p. 73).

A análise leva em conta a narração do paciente que, encontrando uma receptividade no analista, permitirá a criação de uma outra resposta associativa, tornando útil essa narração, aproximando o paciente do que ele é a cada desenvolvimento realizado, caminhando na direção do *ser*: de K para O (Bion, 1965/2004). A função do analista é fazer com que a narração se aproxime de O.

No capítulo “Psicanálise e narração” do livro *Fatores de doença, fatores de cura*, Ferro (2005) usa uma metáfora que propicia uma representação do que vem a ser o trabalho psicanalítico que ativa as transformações. A imagem refere a vários *tinteiros* trazidos pelo paciente na primeira sessão de análise, cada um correspondendo a um tema a ser desenvolvido.

O trabalho do analista consiste em grande parte nesta cooperação narrativa, através da qual, juntamente com o paciente, mergulhará a “pena narrativa” para diluir em histórias o que está condensado, aglomerado no tinteiro. Acontece frequentemente que a tinta, em vez de trazida nos tinteiros, seja espirrada em cima do analista, que precisa trabalhar este “encharcamento” com a sua pena narrativa para dissolvê-lo em uma história possível de ser assumida pelo paciente. (p. 153)

O gênero narrativo é escolhido e proposto pelo paciente – os já mencionados *dialetos*. O que importa como elemento transformador é a emoção, ou a sequência de emoções, que o paciente deseja exprimir, ou que seja expressa com a ajuda do analista. Por exemplo: as emoções de angústia, solidão e desorientação podem ser expressas com modalidades narrativas diversas. A melhor maneira de favorecer transformações é aquela que capta periodicamente as emoções subjacentes ao relato do paciente, fazendo com que ele sinta uma compreensão e um compartilhar

de seu relato. Trata-se de um acolhimento que preconiza a receptividade do analista como fator de *parceria*, ou se quisermos, de *aceitação* da real condição psíquica do paciente – o que não significa, de forma alguma, complacência ou negação de aspectos primitivos, violentos ou destrutivos que possam surgir.

Essa dinâmica ativa a competência narrativa do paciente. Há uma relação contínua entre a formação de imagens, que se originam dessa captura das emoções contidas na origem do relato, e as narrações. Esse relato é um *derivado narrativo* das próprias emoções. Portanto, “as narrações criam imagens, mas as narrações, por sua vez, derivam de imagens” (Badoni, 1997; Bonaminio, 1998, citados por Ferro, 2005, p. 155).

Demetri (1996) e Chianese (1997), citados por Ferro (2005), destacam que a tarefa específica da psicanálise hoje é favorecer esse processo de imagens e favorecer a capacidade de transcrição delas em narração. Lembramos que estamos nos territórios do “sonho onírico de vigília”: constantes operações de alfabetização.

É tarefa do analista também favorecer a criação de coordenadas afetivas climáticas que ativem a *capacidade imaginativo-poiética* (Di Benedetto, 2000, citado por Ferro, 2005) do paciente. Podemos considerar que exista um nível onírico da mente sempre ativo, mesmo sem nos darmos conta, que cria continuamente imagens.

As *transformações narrativas*, denominadas assim por Corrao (1991), ou *narrações transformadoras*, denominadas assim por Ferro (2011; França & Petricciani, 1998), trazem em si a importância dos afetos como base de si. Por trás das transformações narrativas há basicamente *transformações afetivas*.

## Transformação em personagens

A psicanálise contemporânea é cada vez mais desafiada, segundo Antonino Ferro, a desenvolver um instrumental que nos auxilie na construção de recursos-ferramentas que permitam a produção, o desenvolvimento e o apuramento do processo de pensar. Dentro dessa perspectiva, o encontro analítico será sempre espaço para o novo, o colocar-se diante do permanente desafio de criação e apuramento desses instrumentos, para que assim possa ocorrer, através do trabalho onírico, o desdobramento de sentidos.

Partindo dessa premissa, a *função alfa* da dupla analítica deverá estar em constante movimento para se tornar razoavelmente operante, bem como o *continente*, sempre em expansão, buscando transformar-se e aparelhar-se a cada nova solicitação de experiências a serem elaboradas para que, como consequência, um maior número de *conteúdos* possam ser acolhidos e ganhem condição para se desdobrar em sentidos, numa relação dialética. Lembremos Bion (1970/2006) na sua já conhecida frase, aqui livremente citada: a psicanálise é uma sonda que expande o campo que explora.

Ferro e Basile (2013) observa que o aspecto relacional da dupla se torna como uma corrente que flui através do campo, nele se apresentando, ou seja, como elementos representacionais das experiências emocionais vividas pela dupla na sessão. É por esse

vértice que se torna possível, por meio da observação analítica, que os personagens venham à tona. A escuta onírica do analista pode captá-los e comunicar ao paciente.

O que são esses personagens, de acordo com Ferro? São o modo pelo qual se torna possível comunicar tudo que está acontecendo no par. Para isso é utilizado todo o arsenal imaginativo, como imagens, *narremas*,<sup>[10]</sup> histórias compartilháveis, brincadeiras, desenhos, entre outras inúmeras formas. Os personagens brotam como necessidade do texto relacional de exprimir emoções e afetos e são convocados de acordo com sua capacidade de representatividade metafórica advindas na e da dinâmica da dupla analítica. Os personagens não são necessariamente antropomorfos; imagens e palavras integradas dão forma a um personagem, e este articula tramas narrativas, que podem tomar variadas formas. Importante lembrar que para Civitarese e Ferro (2020) a condição dos personagens é sempre complexa, e o analista precisa estar atento, pois não correspondem necessariamente às pessoas com quem têm semelhança superficial. Eles são frutos de operações mentais que se processam durante a sessão, e passam por uma espécie de seleção mental de elenco (*casting*), ou seja, a mente seleciona um personagem capaz de conter um simbolismo, uma *figurabilidade* que comunique algo de forma enigmática, através da carga metafórica que representa.

Ferro nos informa que o sonho<sup>[11]</sup> produzido pela dupla, as figuras do diálogo, assume o valor de um nível inicial de sentido compartilhado no qual o campo emocional e seus componentes em movimento são representados. Dessa forma afetos e sentido irão emergir da experiência analítica em sucessivas transformações (Ferro, 1991). Podemos perceber que os personagens surgem e podem ir se transformando no decorrer de uma sessão analítica e no desdobramento de todo o processo analítico. Ilustramos isso por meio de uma pequena vinheta clínica em que uma criança de 4 anos convoca a analista a brincar utilizando personagens:

Em sua história Aquaman e a sereia estão em meio a um tsunami e devem se esconder para que não sejam levados pelas ondas. Surgem na sessão diversos personagens como o Aquaman, que carrega o peso de super-herói, sobrevivente de uma tragédia – a destruição de Atlântida e a perda de seus pais; a sereia é a parceira na trajetória de busca de proteção; o cenário é um lugar para expressão de persecutoriedade e angústias ainda não nomeáveis, como ondas e tsunamis. Eles nascem do imaginário da criança e, como observamos através do referencial de Ferro, vêm para a sala de análise como forma de comunicação de um número grande de sentidos e *protoemoções* que precisam emergir e desdobrar-se ganhando expressão, e ali, na sala de análise, a princípio são acolhidos via continência – pela disponibilidade da analista de se envolver na brincadeira – e dessa forma podem se transformar,

10. Narremas, segundo Ferro (1977), são subunidades que compõem as narrações, como as sílabas, as palavras, ainda em esboço de emoções. Ele os percebe como halos semânticos muito amplos, que através de uma escuta onírica podem se abrir em sentidos.

11. Sonho aqui tem o sentido de trabalho onírico alfa (Bion, 1959).

configurando-se numa experiência viva de afeto, possibilitando elaboração das turbulências-tsunamis do encontro. Da parceria que se estabelece entre analista e criança surgem na mente de ambos, por intermédio desses personagens eleitos inicialmente pela criança, vários desdobramentos de sentido, como sua parte herói sobrevivente de uma tragédia pessoal.<sup>[12]</sup> Seguindo o pensamento de Ferro acerca dos personagens, eles nascem do acoplamento mental dos dois membros do par analítico, das duas mentes, analista e analisando. Nesse sentido, os personagens do brincar dessa criança não ocorreram do acaso, mas do desdobramento do encontro analítico, daquele dia (no aqui-agora da sessão) do qual pôde surgir a configuração de uma parceria, que ganhava expressão pela escolha simbólica do pequeno paciente: Aquaman, sereia, tsunamis, ondas, busca de abrigo.

Ferro considera os personagens como hologramas do funcionamento mental do par analítico que incluem tipos de funcionamento clivados ou ainda não acessíveis à capacidade de pensar. Os personagens, segundo Ferro (1995), podem entrar e sair da sessão tangencialmente, podem tornar-se protagonistas, coadjuvantes ou até figurantes. Eles são criados ali no encontro e do encontro das mentes, são um dos meios possíveis de compartilhar, narrar e transformar os estados primitivos da mente, graças às funções psicanalíticas da mente do analista. Dessa forma, Ferro ressalta a função alfa do analista como uma função importante de investigação e sondagem dos sentidos. Ele nos informa também de que os personagens podem surgir do diálogo, do desenho, do jogo, da brincadeira ou do sonho, não importa por qual porta entram na sessão. Eles são testemunhas da *elaboração* feita pelas mentes, das identificações projetivas recíprocas e do processamento de estados *protoemocionais* que ocorrem no campo.

Ferro nos lembra que os personagens são o modo pelo qual se torna possível comunicar a dinâmica intersubjetiva e inter-relacional que está acontecendo no par analítico. Os personagens podem ser *escritos* na narrativa relacional que se configura na sala de análise, isto é, podem ganhar expressão de modos diversos: por lembranças infantis, fatos atuais, sonhos, fantasias, jogos, entre outros.

Outro aspecto importante observado por Ferro (2017) via personagens é que estes podem também comunicar, através de sua simbologia associativa, a maneira como o paciente escuta as interpretações e intervenções do analista. Caso estas, por exemplo, sejam feitas com uma *superdosagem*, o paciente comunica isso transformando em personagem algo que corporifique ou dê visibilidade à emoção e/ou à experiência vivida. Em *Tormentos de almas: paixões, sintomas, sonhos*, Ferro (2010/2017) salienta a importância de ajustar a interpretação à capacidade do paciente de recebê-la.

Na escuta e observação do campo relacional, segundo Ferro, o paciente nos dá sempre a posição em que se encontra e como devemos nos posicionar, sendo a

---

12. A criança vivia uma experiência de orfandade em meio a pais ausentes disfuncionais e foi levada à análise pelas dificuldades relacionais e diagnóstico de hiperatividade.

comunicação via personagens *modalidades expressivas* do que acontece no campo. Nesse sentido, são úteis como instrumental de detecção, uma espécie de termômetro para o analista observar o campo e sua dinâmica, podendo, por meio destes, modular suas interpretações de acordo com o que percebe ser a “distância” suportável de aproximação do paciente. É assim que poderá também mediar o contato do paciente com os elementos incognoscíveis, ou ainda *protomentais*, indigestos ou não-nascidos, de forma a facilitar o acesso a eles e sua transformação, tornando-os úteis para pensar e sonhar.

Como o analista percebe os personagens e o que eles estão tentando comunicar? Ele o faz utilizando uma espécie de escuta onírica, como Bion propõe: a comunicação do paciente como um sonho. O aumento da oniricidade permite o desenvolvimento da função alfa tanto do analista quanto do paciente e, assim, possibilita a construção conjunta de espaços para conter as emoções, sonhá-las e metabolizá-las.

Na transformação em personagem o analista, através de transformações que encontram ressonância com o mundo mental do paciente e usando sua linguagem própria, busca possibilitar neste o sonhar, o transformar e o metabolizar – a seu tempo, utilizando seu próprio material imagético e de forma menos persecutória – os excessos de sensorialidade, os elementos oníricos que buscam sentido e compreensão (*pensamento em busca de um pensador*) em elementos que podem ou não se tornar *sonhantes* e narráveis.

### Transformações em sonho

Bezoari e Ferro (1990/1996) descrevem transformações em sonho como um tipo de *rêverie* fruto da experiência de sua clínica, um modo de transformação que acrescentam àquelas apresentadas por Bion (1965/2004) e por eles próprios advindas de exercício de *capacidade negativa*. Submetem sua escuta ao que denominam *filtro mágico*, o que conduz à *desconstrução narrativa* e à *desconcretização* do material, conferindo-lhe status de realidade psíquica, em detrimento da realidade externa, factual, material. Narrar um sonho transforma o relato em sonho do sonho contado no aqui-agora da sessão. A narrativa do paciente deve ativar a função onírica do analista. Os vértices atuais para o sonho na nossa sala de análise privilegiam o lugar deste no encontro das mentes e no diálogo analítico.

Freud caracterizava o sonho em termos de regressão, repressão, processo primário, processo secundário, de acordo com a teoria pulsional, de economia psíquica. Mesmo com a noção de inconsciente, não havia a concepção de “mundo interno” como temos hoje. Na interpretação freudiana do sonho havia uma construção com códigos saturados.

Ferro reconhece a fascinante capacidade de Freud de contar histórias, a “transformação narrativa” presente em “O homem dos lobos” (Freud, 1918/1996). Observa, no entanto, que ela se perdeu por um longo tempo depois de Freud. Perdeu-se a construção de uma história junto ao paciente, e predominou um código sujeito a

generalizações. As respostas com referenciais externos dadas na época de Freud hoje nos são insatisfatórias, afirma Ferro. Assim, era preciso renunciar a aplicações de códigos interpretativos e propor um novo status para o sonhar, pelo importante papel que desempenha no nosso mundo interno. Bezoari e Ferro (1996) sustentam que o sonho, na contribuição de Bion retomada e desenvolvida por Meltzer (1987), expande-se em outras direções: o sonho não serviria para atender exigências autorreguladoras da mente isolada, mas seria um espaço relacional que tem seu protótipo na relação mãe/bebê, a função onírica materna, a *rêverie* – um encontro de mentes conhecido em toda forma de *protocomunicação*, a identificação projetiva. O sonho em Bion tem status de modalidade de pensamento, permitindo ao psicanalista utilizá-lo como sinônimo de pensamento sem ser remetido ao acontecimento real. Ferro, citando Aldo Costa, concorda que “a primeira perda do analista é a realidade” (Ferro & Nicoli, 2018, p. 152).

Ferro sugere que o analista pode ouvir qualquer relato do seu paciente na sessão como se fosse um sonho. Realmente, dentro do conceito de *sonho* como *pensamento de vigília ocorrendo 24 horas por dia*, o relato é representativo do mesmo processo de alfabetização em curso nos sonhos noturnos, mas em diferente estágio de transformação. Ferro propõe uma escuta particular, não só para o sonho do paciente, mas para toda a sua narração associativa: a introdução do *sonhei que* antes das associações do paciente permitirá que o analista a escute *como se fosse* um sonho. Essa atividade de *sonho do analista sobre o sonho do paciente* permitirá a desconstrução dos elementos manifestos do discurso, facilitando ao analista a compreensão dos aspectos subjetivos e inconscientes do paciente. Assim, a sessão passa a ser um sonho, uma forma de *ressonhar*.

Para Ferro, esse processo é a peculiaridade da análise. O sonho durante o sono difere da proposta da formação do sonho de vigília. Produzimos pictogramas (primeiro resultado da ação da função alfa) o tempo todo sintetizando simbolicamente a experiência emocional. Esse fato é singular para cada mente. Uma maneira de conhecer o que é pictografado é a *rêverie* do analista quando sincretiza numa fantasia visual a experiência emocional da dupla. Outra maneira de entrar em contato com o elemento alfa é o flash visual. Há um elemento alfa que escapa para fora e pode acontecer em situações em que existe alguma fragilidade do continente; um desses pictogramas emocionais, ainda em processo de alfabetização, é projetado para o exterior, e o paciente pode realmente vê-lo. O *flash onírico* “demonstra a existência de um funcionamento onírico da mente sempre trabalhando” (Ferro, 1995, p. 130) e, assim, tem importância central.

Sonhar é uma atividade psíquica essencial, é a *própria matriz do sentido que tem, para cada um, a própria vida emocional*. Ferro acrescenta que “o significado nasce em uma dimensão psíquica de *teatro onírico*, onde as imagens e as palavras estão integradas em *personagens* e estes se articulam em *tramas narrativas*” (Bezoari & Ferro, 1996, p. 52). O sonho noturno levado pelo paciente para a sessão, desperta o sonho no analista e, na relação dual, os significados *se comunicam*, tornando mais

complexo o campo intersubjetivo. Mas o produto, o sonho a dois, poderá dizer da dupla mais que a decodificação simbólica ofereceria. Ao processo transformador da dupla – responsável por gerar elementos *protossimbólicos* pelos quais é possível uma visão compartilhada de aspectos emocionais de campo que não podem ser apresentados de outra forma – Bezoari e Ferro (1990/1996) denominaram *agregados funcionais*. Segundo os autores,

no que se refere às imagens oníricas evocadas na sessão, diremos que a sua elaboração em “agregados funcionais” coincide com a passagem da figura plana, captada por um único vértice, a *hologramas* (Ferro, 1992a, 1992b), isto é, imagens tridimensionais que ganham corpo no espaço plurissubjetivo e podem ser vistas simultaneamente por diferentes perspectivas, pois são produzidas pela convergência de pelo menos duas fontes de luz. (p. 54)

O sonho do paciente é um material que prescinde de decodificações porque traz elaborações de sua função alfa ao sonhar, e então contará com a capacidade de semantização afetivo-linguística do analista e com a ótica do campo bipessoal, sujeita à criatividade da dupla. Narrado na situação analítica, o sonho é em si mesmo uma *mensagem*. É vicissitude da relação analítica. O sonho da dupla prepara o terreno que funda o ulterior trabalho de interpretação. Ferro (2017) afirma que o trabalho interpretativo, no caso dos corriqueiros relatos de sonho, é o último a ser feito, visto que o paciente comunica uma aproximação possível com material impensado – e impensável até então; como obra aberta, ele deve antes servir para *jogar*.

### **Transformação em jogo<sup>[13]</sup>**

Trabalhando embasado em seu conceito de transformação em sonho e evidenciando a importância de o analista olhar para a sessão analítica como um sonho produzido em conjunto por analista e paciente, Antonino Ferro (2014b, 2016b, 2017) propôs uma de suas últimas transformações pós-bionianas: a transformação em jogo.

A apresentação de transformação em jogo como conceito é recente, porém, em entrevista concedida ao psicanalista italiano Luca Nicoli, que resultou no livro *Pensiero di uno psicoanalista irriverente*, de autoria de Ferro (2017) e organizado por Nicoli, conta que sempre teve uma atitude de jogar na sessão analítica, utilizando sua *rêverie* muitas vezes como um jogo de linguagem para iluminar os caminhos a serem seguidos com seus pacientes.

O conceito de transformação em jogo desponta para Ferro a partir da sua capacidade de observar o modo operacional do analista no campo analítico, no cenário lúdico da situação clínica. Ele conta que o conceito se iluminou na ocasião em que realizava uma supervisão clínica com uma analista experiente, que lhe relatou uma experiência inusitada vivenciada com um garoto na sala de análise. Quando Ferro

---

13. Optamos por traduzir “*trasformazione in gioco*” por “transformação em jogo”, embora em português o segundo termo também possa ser traduzido como “brincar”.

(2014b, 2016b, 2017; Civitarese & Ferro, 2020) o apresenta tanto nos congressos como nos trabalhos escritos publicados, o faz através do exemplo clínico que o despertou para o conceito:

A analista apresentou uma sessão com um garoto com cerca de 7 anos. O garoto, agitado e incontinente, começou a fazer e a lançar aviõezinhos de papel contra a analista, até que um deles bateu dolorosamente no canto do olho da analista. A analista, geralmente muito controlada, tomada pela raiva, também começou a fazer e lançar seus aviões de papel contra o garoto. Quando um deles quase bateu em um olho do garoto, ela parou abruptamente, pensando no que estava fazendo, e rapidamente retomou sua compostura, porém o garoto começou a amaldiçoá-la e a lançar palavrões contra ela. Inesperadamente, ela se percebeu transformando os palavrões que ele lhe lançava em rimas brincalhonas, semelhante a uma canção de ninar. O garoto a xingava e ela transformava os palavrões em rimas. A raiva do garoto gradualmente foi amenizando, e então ele disse para a analista: “agora diga-me, você, palavrões”. A analista, ainda influenciada pela raiva, repetiu uma série de insultos contra o garoto. E os seus insultos foram transformados pelo garoto em rimas. Dessa forma, o jogo de aviõezinhos tornou-se o “jogo das rimas”; eles pararam de lançar aviõezinhos um contra o outro em favor de algo divertido para ambos. Ao final da sessão, o garoto, pela primeira vez, não queria ir embora. Ele pedia: “mais, mais...”. Até que, por fim, aceitou ir embora, mas dizendo que mal podia esperar para retornar para a próxima sessão para continuarem o jogo. Durante as sessões seguintes eles continuaram com o jogo no qual um xingava e o outro transformava os palavrões em rimas inventadas. Assim, a analista pôde progressivamente inventar rimas mais interpretativas como “o filhinho de ... estava com raiva porque ...”. (Ferro, 2016b, p. 3, tradução livre)

Ferro captou como a condição de incontinência do garoto pôde ser transformada a partir da atitude intuitiva da analista, que transformou em rimas os palavrões que o garoto lhe lançava, devolvendo-os em forma de canção, o que o conteve e encantou. Ferro também observou que o garoto, fascinado pela brincadeira que ele e a analista acabaram de criar, pediu para inverter o jogo, para ele criar as rimas. Foi nesse ponto que Ferro identificou a transformação em jogo. Nas palavras do autor, o que era “puramente evacuativo se transformou em uma brincadeira compartilhada que deu sentido ao que antes podia ser expresso apenas de modo evidente” (Ferro, 2014b, p. 576).

Também chamou a atenção de Ferro (2017) o fato de o garoto não desejar encerrar a sessão e sair dizendo que continuariam com o jogo na sessão seguinte, então ele nos alerta que é nessa passagem que nos deparamos com o extraordinário: a possibilidade de transformar um jogo violento em algo divertido e não perigoso, que permite que coisas brutas possam gradualmente ser ditas; e mais, o jogo estimulou no paciente o desejo de retornar para a próxima sessão. Ao descrever esse fenômeno, Ferro (2016a, 2017; Civitarese & Ferro, 2020) nos recorda de uma fala de Bion, que ensina aos psicanalistas que, em cada sessão, deve-se dar sempre ao paciente um bom motivo para ele retornar – sendo a diversão um deles, segundo Ferro, para quem



ela é muito importante. Entretanto, é preciso atenção para o fato de que “uma boa sessão de análise é uma sessão na qual analista e analisando jogam juntos” (Ferro, 2017, p. 142, tradução livre). Nesse jogo, segundo o autor, pode-se realizar qualquer forma de transformação literária; o importante é que essa transformação seja adequada para alcançar as emoções do paciente que estamos tentando trazer à vida, a fim de torná-las algo vivo e significativo dentro do campo analítico e que também permaneça com o paciente como uma forma de comunicação consigo mesmo.

É importante ficar claro que, ao propor o conceito de transformação em jogo, Ferro (2017) não propõe uma análise com muitas risadas; o que ele propõe é um jogo compartilhado entre analista e paciente, que acontece em um espaço semelhante ao espaço transicional descrito por Winnicott, onde existe a possibilidade de o paciente permanecer mentalmente vivo, e não ser paralisado pelos fatos concretos da vida, ainda que trágicos. Por esse vértice, mesmo diante das situações de luto grave ou luto catastrófico, a proposta de transformação em jogo é válida, uma vez que existe a possibilidade de se alcançar algo vivo que inevitavelmente começa a circular no campo.

Ferro (2014b) trabalha com a possibilidade de que, na transformação em jogo, estejamos trabalhando no mesmo ponto que na transformação em sonho, porém com uma linguagem diferente. Sendo assim, a transformação em jogo pode ser realizada tanto na análise de criança quanto na de adulto, embora com os adultos a brincadeira aconteça com formas de expressão diferentes, mais verbais, no teatro imaginário da sessão. Para Stella e Ferro (2019), tanto o jogo como o sonho podem se constituir como excelentes veículos para cruzar um campo minado de emoções sem explosões, tirando da experiência um importante impulso vitalizador. Isso é possível porque, como Ferro identifica, “as emoções que podem nos assolar como uma onda de um tsunami são, na verdade, o mesmo elemento que faz mais vívida e interessante a nossa existência” (Stella & Ferro, p. 43, tradução livre).

Para finalizar, não é demais lembrar que, para trabalhar a partir do vértice proposto por Ferro, as capacidades negativas, a capacidade de *rêverie* e a criatividade do analista são elementos fundamentais, uma vez que são constantemente solicitados para a criação de um campo analítico em que seja possível gerar narrações compartilhadas que gradualmente possibilitem tornar pensável o impensável.

---

### **En los alrededores de Pavía: expansiones de las transformaciones en el pensamiento de Antonino Ferro**

**Resumen:** En el presente trabajo se busca abordar el segmento del pensamiento de Antonino Ferro sobre el cual se asienta toda su propuesta de trabajo: las transformaciones. El terreno de las transformaciones constituye el eje principal de sus aportes. Empieza por las fundamentales transformaciones que han sido realizadas por Bion y enseguida Antonino Ferro propone nuevas transformaciones

que, además de ofrecer soporte a toda su propuesta clínica, muestran ser instrumentos competentes para la instalación de un psicoanálisis que se ocupa, principalmente, de las operaciones de contacto y elaboración de los elementos Beta. Estas transformaciones que sugiere Ferro se articulan en composiciones y sobreposiciones de forma tal que constituyen una red útil para la captación de las alteraciones internas del paciente, especialmente a partir de la interrelación analista-analizante. Se abordan, aunque sea de forma no exhaustiva, las transformaciones de base: de los elementos alfa y del continente, además de las transformaciones en sueño, transformaciones narrativas, transformaciones en personajes y transformaciones en juego.

**Palabras clave:** sueño onírico de vigilia, transformaciones, campo de relaciones, derivados narrativos

### **In the outskirts of Pavia: expanding transformations**

#### **in Antonio Ferro's thoughts**

**Abstract:** This paper seeks to address the portion of Antonio Ferro's thoughts upon which his whole work proposition is based: the transformations. The transformation field is the main axis of his contribution. Starting from the fundamental transformations introduced by Bion, Antonio Ferro suggests new ones which, besides offering support for his whole clinical proposition, prove to be relevant tools for establishing a psychoanalysis that is mainly concerned with contact operations and the creation of beta elements. These transformations suggested by Ferro organize themselves into compositions and overlap in order to create a network which is useful in understanding the patient's inner changes, fundamentally from the analyst-analyzed interrelation. The base transformations are addressed – although not thoroughly – such as: alpha elements and container transformations, as well as dream transformations, narrative transformations, character transformations, and game transformations.

**Keywords:** awake oneiric dream, transformations, relational field, rêverie, narrative derivatives

---

## **Referências**

- Barros, E. M. R. (1999). O inconsciente e a constituição de significados na vida mental. *Psicologia USP*, 10(1), 97-117. <https://doi.org/10.1590/psicousp.v10i1.107967>
- Bezoari, M., & Ferro, A. (1996). O sonho dentro de uma teoria do campo: agregados funcionais e narrações. *Ide*, 29, 50-59. (Trabalho original publicado em 1990)
- Bion, W. R. (1959). *Experiences in groups and other papers*. Basic Books.
- Bion, W. R. (2004). *Elementos de psicanálise* (J. Salomão, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1963)

- Bion, W. R. (2004). *Transformações: do aprendizado ao crescimento* (P. C. Sandler, Trad.; 2a ed.). Imago. (Trabalho original publicado em 1965)
- Bion, W. R. (2006). *Atenção e interpretação*. (P. C. Sandler Trad.; 2a ed.). Imago (Trabalho original publicado em 1970)
- Bion, W. R. (2021). *Aprender da experiência* (E. H. Sandler, Trad.). Blucher; Karnac. (Trabalho original publicado em 1962)
- Civitarese, G., & Ferro, A. (2020). *Vitalità e gioco in psicoanalisi*. Raffaello Cortina Editore.
- Corrao, F. (1991). Trasformazioni narrative. In M. Ammaniti & D. N. Stern (Orgs.), *Rappresentazioni e narrazioni*. Università Laterza.
- Ferro, A. (1991). From raging bull to Theseus: the long path of a transformation. *The International Journal of Psycho-Analysis*, 72(3), 417-425.
- Ferro, A. (1995). *A técnica na psicanálise infantil: a criança e o analista da relação ao campo emocional* (M. Justum, Trad.). Imago.
- Ferro, A. (2003). Algumas reflexões sobre a técnica. In M. O. A. F. França & M. Petricciani (Orgs.), *O pensamento clínico de Antonino Ferro: conferências e seminários* (M. Petricciani, Trad.). Casa do Psicólogo.
- Ferro, A. (2005). *Fatores de doença, fatores de cura: gênese do sofrimento e da cura psicanalítica* (M. Petricciani, Trad.). Imago.
- Ferro, A. (2008). *Na sala de análise: emoções, relatos, transformações*. Imago. (Trabalho original publicado em 1996)
- Ferro, A. (2011). *Evitar as emoções, viver as emoções* (M. Petricciani, Trad.). Artmed.
- Ferro, A. (2014b). Negação, capacidades negativas e criatividade (S. Termignoni, Trad.). *Revista de Psicanálise da SPPA*, 21(3), 565-585.
- Ferro, A. (2016a). Il piacere dell'ora di analisi. *Rivista di Psicoanalisi*, 62(4), 933-945.
- Ferro, A. (2016b). *Sogni e trasformazioni* [Apresentação de trabalho]. International Congress Bion 2016: Emozioni, trasformazioni e vitalità psichica, Milão, Itália.
- Ferro, A. (2017). *Tormentos de almas: paixões, sintomas, sonhos* (M. Petricciani, Trad.). Blucher; Karnac. (Trabalho original publicado em 2010)
- Ferro, A. (2017). *Pensieri di uno psicoanalista irriverente: guida per analisti e pazienti curiosi*. Raffaello Cortina Editore.
- Ferro, A., & Basile, R. (Orgs.). (2013). O universo do campo e seus habitantes. In *Campo analítico: um conceito clínico* (R. C. Costa, Trad.; pp. 9-12). Artmed. (Trabalho original publicado em 2006)
- Ferro, A., & Nicoli, L. (2018). *Pensamientos de un psicoanalista irreverente: guía para analistas y pacientes curiosos*. Gradiva Ediciones. (Trabalho original publicado em 2017)
- França, M. O. A. F., & Petricciani, M. (Orgs.). (1998). *Antonino Ferro em São Paulo: seminários*. Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.
- Freud, S. (1996). História de uma neurose infantil. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 17. Uma neurose infantil e outros trabalhos (1917-1919)* (J. Salomão, Trad.; pp. 19-129). Imago. (Trabalho original publicado em 1918)
- Freud, S. (1996). Construções em análise. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 23. Moisés e o monoteísmo, Esboço de psicanálise e outros trabalhos (1937-1939)* (J. Salomão, Trad.; pp. 275-287). Imago. (Trabalho original publicado em 1937)
- Meltzer, D. (1987). *Vida onírica: una revisión de la teoría y de la técnica psicoanalítica* (M. Méndez-Casariago, Trad.). Tecnipublicaciones.
- Stella, G., & Ferro, A. (2019). *True lies: quasi un'apologia della menzogna*. Mimesis.

---

**Luciano Bonfante**

Endereço: Rua Marquês de Valença, 162, Alto da Boa Vista. Ribeirão Preto/SP.  
CEP: 14025-490  
Tel.: (16) 99142-8860  
E-mail: lucianobonfante1@gmail.com

**Maria Bernadete Figueiró de Oliveira**

Endereço: Rua Soldado José Antônio Moreira, 119, City Ribeirão. Ribeirão Preto/SP.  
CEP: 14021-190  
Tel.: (16) 99201-9088  
E-mail: bernafigueiro@yahoo.com.br

**Maria Luiza Soares Ferreira Borges**

Endereço: Rua Rio Preto, 599, Vigilato Pereira. Uberlândia/MG.  
CEP: 38408-388  
Tel.: (34) 3236-409  
E-mail: mluizasborges.psi@gmail.com

**Maria Roseli Pompermayer Galvani**

Endereço: Rua José Carlos Mendes, 53, Reserva Jequitibá. Piracicaba/SP.  
CEP: 13414-377  
Tel.: (19) 3422-4163  
E-mail: mrpg@terra.com.br

**Maruzza Tereza Cerchi Borges Fonseca**

Endereço: Av. Floriano Peixoto, 615, sala 203, Centro. Uberlândia/MG.  
CEP: 38400-102  
Tel.: (34) 99971-6722  
E-mail: maruzza.cerchi@gmail.com

**Silvana Mara Lopes Andrade**

Endereço: Rua Maestro João Seppe, 900, sala 22, Jardim Paraíso. São Carlos/SP.  
CEP: 13561-180  
Tel.: (16) 3372-0273  
E-mail: drasilvanaandrade@gmail.com

**Silvana Maria Bonini Vassimon**

Endereço: Rua Maestro Carlos Nardelli, 769, Alto da Boa Vista. Ribeirão Preto/SP.  
CEP: 14025-620  
Tel.: (16) 3620-0941  
E-mail: silvassimon@gmail.com